

SENADORES LAMENTAM TERREMOTO

Mortes de Zilda Arns e de ao menos 11 militares brasileiros sob os escombros do terremoto que atingiu o Haiti mobilizaram senadores, que ressaltaram trabalho dos brasileiros e recomendaram apoio à reconstrução do país

CRE lastima tragédia e morte de brasileiros

Por meio de nota assinada pelo seu presidente, Eduardo Azeredo (PSDB-MG), a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado (CRE) manifestou sua “profunda consternação” e ofereceu solidariedade ao povo do Haiti, vítima de um terremoto na última terça-feira que deixou milhares de mortos e feridos, incluindo brasileiros e estrangeiros que colaboram com a reconstrução do país.

A CRE lamentou ainda o óbito de Zilda Arns, tia do senador Flávio Arns (PSDB-PR), médica pediatra e sanitária, fundadora das pastorais da Criança e do Idoso, que se encontrava no Haiti para repassar a experiência da obra social desenvolvida por ela no Brasil em apoio a comunidades carentes.

A comissão também manifestou pesar pela morte de 11 militares brasileiros que integravam a Força de Paz da Organização das Nações Unidas (Minustah), liderada pelo Brasil.

“São perdas irreparáveis e prestamos nossa solidariedade às famílias atingidas”, afirma a nota.

A CRE manifesta seu apoio às iniciativas céleres do governo brasileiro no sentido de minorar o sofrimento do povo haitiano, que incluem a liberação de recursos e aviões da Força Aérea Brasileira.

Recentemente, uma comitiva de parlamentares da CRE esteve no Haiti, para acompanhar o trabalho da Minustah, e “constatou o alto grau de confiança que a população local deposita no batalhão brasileiro, que, além de garantir segurança e tranquilidade, trabalha na reconstrução da infraestrutura de Porto Príncipe por meio de uma companhia de engenharia”.

O trabalho da embaixada e de organizações não governamentais brasileiras para diminuir a violência urbana e desenvolver atividades econômicas sustentáveis junto a comunidades carentes também foi destacado na nota da CRE.

O terremoto que atingiu o Haiti na terça-feira e vitimou ao menos 11 militares brasileiros e a fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns, mobilizou os senadores. Os parlamentares manifestaram consternação pela morte da médica sanitária, que estava no Haiti em apoio à população que vive em situação de extrema miséria.

– Ela era um exemplo extraordinário de dedicação às crianças, aos pobres e às causas sociais – disse o presidente do Senado, José Sarney.

Zilda Arns era irmã do cardeal emérito de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, e tia do senador Flávio Arns (PSDB-PR), que embarcou ontem em avião da FAB para a capital Porto Príncipe, na delegação brasileira chefiada pelo ministro da Defesa, Nelson Jobim.

Em agosto de 2009, os senadores da Comissão de Relações Exteriores (CRE) visitaram o país para acompanhar as atividades dos militares brasileiros que comandam a missão de paz das Nações Unidas.

O terremoto de 7 graus na escala Richter atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, no início da noite de terça-feira. O governo do país da América Central estima em 100 mil o número de mortes provocadas pela catástrofe.

Liderança do PT pede sessão de homenagem a Zilda Arns

O líder do PT e do Bloco de Apoio ao Governo, Aloizio Mercadante (SP), lamentou a morte de Zilda Arns e dos militares brasileiros que serviam em missão da Organização das Nações Unidas (ONU), vítimas do terremoto. O senador também lastimou as perdas para o povo haitiano.

– Nesta tragédia de grandes proporções, a morte da doutora Zilda é uma grande perda para o Brasil – afirmou, anunciando a apresentação de requerimento de sessão especial do Senado em homenagem à sanitária e aos militares que serviam na força de paz especial da ONU.

– Eles honraram o Brasil em sua missão – assinalou.

Na justificação do requerimento, Mercadante também afirma que os cidadãos brasileiros que faleceram na tragédia do terremoto de Porto Príncipe “deram suas vidas para ajudar o país mais pobre do hemisfério ocidental, que tem cerca de 80% de sua população abaixo da linha da pobreza”.

Segundo o senador, a Missão de Estabilização das Nações Unidas



Pediatra e sanitária, Zilda Arns Neumann tinha 74 anos e estava em missão humanitária no Haiti quando morreu sob os escombros do terremoto

no Haiti (Minustah), inteiramente legitimada por um mandato claro da ONU, “vem trabalhando duro para prover segurança à população haitiana e assegurar a transição para um regime político estável e democrático e o respeito aos direitos humanos fundamentais, num país historicamente conturbado e com carência total de recursos”.

Atitude

Entre os “brasileiros que abnegadamente participavam de uma missão destinada a salvar vidas” e que foram vitimados pelo terremoto, Mercadante destaca no requerimento “a figura ímpar da doutora Zilda Arns, que estava no Haiti justamente para levar a experiência exitosa da Pastoral da Criança no combate à desnutrição infantil, que no Haiti atinge níveis dramáticos”.

– Sempre disposta a ajudar seus semelhantes, Zilda Arns procurava, no momento de sua morte, ser útil à população que acabava de receber o impacto do terremoto. Não se podia esperar outra atitude de uma das mulheres brasileiras mais

importantes da história recente do país. Uma mulher que, por sua devoção às causas das crianças e da saúde pública, mereceu, entre outros, os seguintes prêmios internacionais: Heroína da Saúde Pública das Américas, concedido pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), em 2002; o Prêmio Social 2005 da Câmara de Comércio Brasil-Espanha; a Medalha Simón Bolívar, da Câmara Internacional de Pesquisa e Integração Social, em 2000; o Prêmio Humanitário 1997 do Lions Club Internacional; e o Prêmio Internacional da Opas em Administração Sanitária, 1994. Aqui, no Senado Federal, Zilda Arns recebeu, em 2005, o diploma Mulher Cidadã Bertha Lutz, numa homenagem que comoveu a todos – afirmou Mercadante.

Para o senador, o sacrifício de Zilda Arns e dos demais cidadãos brasileiros falecidos na tragédia do Haiti terá de ser sempre lembrado como exemplo de dedicação às melhores causas mundiais da paz e do combate à pobreza, “nas quais o nosso país se empenha e se destaca”.

Segundo José Sarney, mortes enlutam o país

“Um exemplo extraordinário de dedicação às crianças, aos pobres e às causas sociais.” Assim o presidente do Senado, José Sarney, se manifestou ao tomar conhecimento da morte de Zilda Arns.

– O Brasil perdeu uma de suas mais expressivas figuras, uma referência. Sua morte enluta todo o país – disse.

Em nota oficial, Sarney afirmou que o Senado “se solidariza com o povo haitiano e se enfileira com o governo brasileiro nas iniciativas que forem necessárias e que estiverem institucionalmente ao seu alcance”. O senador também enviou ao ministro da Defesa, Nelson Jobim, telegrama em que expressa “profundo pesar” pela morte de ao menos 11 militares no terremoto.

Para Heráclito, Zilda é exemplo a ser seguido

Heráclito Fortes (DEM-PI) se disse profundamente consternado com a morte de Zilda Arns, que, em missão humanitária no Haiti, morreu vítima de uma queda de escombros resultantes do terremoto que atingiu aquele país. Para ele, Zilda deixa uma lacuna que dificilmente será preenchida.

– Em menos de uma década, o Brasil perde duas grandes expressões nacionais que tinham reconhecimento mundial em missões de paz. Primeiro, foi Sergio Vieira de Mello, morto tragicamente no Iraque, quando buscava a paz. Agora, perdemos d. Zilda, que estava em Porto Príncipe, em missão humanitária, tentando minimizar a dor daquela gente. Ela é um exemplo que deve ser seguido por todos os brasileiros. Com sua morte, fica uma lacuna que dificilmente, em curto prazo, poderá ser preenchida – afirmou Heráclito Fortes.

José Agripino destaca anonimato

O líder do DEM, senador José Agripino Maia (RN), se manifestou enlutado com a notícia da morte de Zilda Arns, fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, vítima da queda

de escombros no terremoto que abalou e destruiu parte de Porto Príncipe, capital do Haiti, no início da noite de anteontem.

– Com a morte de dona Zilda Arns,

o Brasil perde o seu mais respeitado exemplo de ação solidária, sempre realizada no mais completo anonimato. Que Deus a tenha – disse José Agripino à Agência Senado.

CAMATA VÊ AGRAVAMENTO DE TRAGÉDIA

Gerson Camata (PMDB-ES) manifestou consternação pela morte de Zilda Arns, coordenadora da Pastoral da Criança, vítima dos terremotos no Haiti. O senador ressaltou a importância do trabalho dela para minimizar a miséria naquele país. Camata esteve no país caribenho há cinco meses, em missão da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE). Lá, testemunhou o sofrimento do povo e a total falta de recursos mínimos, como água. – Os países ricos e também o Brasil devem ajudar na reconstrução [do Haiti], dando conforto e comida ao povo, que sofre demais – conclamou o parlamentar.

PARA AZEREDO, HAITI PRECISA DE AJUDA MAIS DO QUE NUNCA

O presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), Eduardo Azeredo (PSDB-MG), lamentou a tragédia que atingiu o Haiti, quando um terremoto de 7 graus destruiu parte da capital, Porto Príncipe. Para ele, mais do que nunca o país precisa de ajuda internacional. – Estive visitando o Haiti com um grupo de parlamentares [em agosto de 2009]. O Brasil foi bem recebido e conseguiu reduzir a violência, mas ficamos alarmados com a situação de miséria em que o país vive. A Organização das Nações Unidas está lá, mas acho que a França deveria atuar mais fortemente, afinal o Haiti foi uma de suas colônias – disse à Agência Senado. Azeredo defendeu um trabalho conjunto no Brasil para ajudar, apoiar e tentar diminuir a dor dos haitianos. Ele também demonstrou profundo pesar pela morte de Zilda Arns, que estava em trabalho humanitário na cidade. – Tenho um sentimento forte de tristeza. Ela era uma benemerita e fazia um trabalho maravilhoso em busca do bem – declarou.

TRAGÉDIA CHOCOU O BRASIL, DIZ SUPLICY

O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) disse que o país inteiro está chocado com o terremoto no Haiti, que vitimou pelo menos 12 brasileiros, entre eles, a fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns. Para Suplicy, o Brasil, como comandante da Força de Paz no Haiti, tomará medidas para socorrer os feridos e ajudar na reconstrução da capital do país, Porto Príncipe, que foi seriamente danificada. Ontem à tarde, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, anunciou que o governo brasileiro irá colaborar com US\$ 15 milhões para ajuda humanitária. Ontem, duas aeronaves da Força Aérea Brasileira decolaram com 11 toneladas de água e 10 toneladas de alimentos de primeira necessidade.

Perda é irreparável e todos estão órfãos, afirma Nery

José Nery (PSOL-PA) também lamentou a morte de Zilda Arns por meio de nota oficial, divulgada em Belém. Para ele, todos estão “um pouco órfãos”.

– O falecimento de Zilda Arns, em meio aos trágicos acontecimentos no Haiti, é uma perda irreparável. Todo brasileiro que crê na solidariedade e na luta por um mundo justo e fraterno está sentindo-se um pouco órfão em meio a este cenário de dor e de catástrofe humanitária.

Ele expressou condolências à família de Zilda Arns, aos integrantes da pastoral e aos familiares dos demais brasileiros que morreram no desastre.

– Não é acaso que ela tenha perdido a vida quando em missão no Haiti, vítima de violência e de exclusão. Que o exemplo de vida de Zilda Arns seja perene.

Zilda Arns “morreu em combate”, diz Pedro Simon

Para senador gaúcho, perda da criadora da Pastoral da Criança é trágica para um país com “poucas referências positivas” e onde a cena política está “repleta de corruptos”

AO COMENTAR O falecimento de Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) ressaltou o caráter executivo do trabalho que a caracterizava, sempre na linha de frente das ações.

– Ela morreu em combate. Não havia nenhuma premência para que integrasse, ela mesma, a equipe humanitária brasileira que socorria atingidos pelo terremoto, mas ela fez questão de fazer parte da equipe avançada do socorro às vítimas. Dona Zilda era assim. Não se limitava a organizar os trabalhos, ela integrava a linha de frente e executava as ações.



Pedro Simon resalta o caráter executivo do trabalho de Zilda Arns

Para Simon, é trágico para um país como o Brasil, “com poucas referências positivas”, perder uma unanimidade no que diz

respeito ao atendimento aos pobres, sobretudo às crianças. “Trata-se de uma notícia trágica que tornou o país mais pobre de bons exemplos”, ressaltou.

O senador lamentou o “falecimento de uma mulher tão cheia de qualidades numa época em que a cena brasileira está repleta de corruptos”.

– Não sei quem dará continuidade ao trabalho humanitário da Pastoral da Criança, mas certamente Deus indicará alguém para seguir os passos de d. Zilda, nessas décadas de dedicação aos necessitados, dentro do princípio cristão de amar ao próximo como a si mesmo – disse.



Flávio Arns lamenta tragédia que atingiu o país caribenho

Sobrinho de Zilda, senador Flávio Arns viaja ao Haiti

Flávio Arns (PSDB-PR) viajou na manhã de ontem para o Haiti, onde morreu sua tia, Zilda Arns. O senador embarcou junto com integrantes do governo, entre eles, o ministro da Defesa, Nelson Jobim. Médica pediatra e fundadora da Pastoral da Criança, Zilda se encontrava naquele país em trabalho humanitário e visitava a área atingida pelo terremoto quando os restos de um prédio desabaram e a atingiram. Ela foi imediatamente socorrida e levada para um hospital, mas não houve tempo para salvá-la.



Paim pede que todos os países se somem em solidariedade ao Haiti

Segundo Paim, perda de Zilda enluta o mundo

A perda de Zilda Arns enche de luto não só o Brasil, mas todas as pessoas que, no mundo, lutam por uma sociedade mais justa, afirmou Paulo Paim (PT-RS), que lastimou também a morte de militares brasileiros no Haiti. O senador lembrou que aquele país enfrenta violência, pobreza e tragédias naturais.

– É hora de todos os países se somarem na solidariedade e na busca da reconstrução do Haiti – afirmou Paim.

Cristovam destaca luta de médica pela paz social

Segundo Cristovam Buarque (PDT-DF), Zilda Arns “falece com a mesma grandeza e importância mundial de Sergio Vieira de Mello [diplomata brasileiro funcionário das Nações Unidas, morto em 2003, em Bagdá]”.

– Ele morreu lutando pela paz no Iraque e foi vítima de ataques terroristas; ela, lutando pela paz social, foi morta por uma tragédia natural. Nosso país tem muitas razões para chorar a morte de uma heroína brasileira, e o mundo também.



Cristovam se diz consternado com morte da criadora de pastorais



Presidente do PSDB se solidariza com famílias de brasileiros mortos

Morte de Zilda é “perda imensa”, diz Sérgio Guerra

Para o presidente nacional do PSDB, senador Sérgio Guerra (PE), Zilda Arns foi uma mulher iluminada, cuja perda é imensa para os que sonham com um Brasil mais solidário. Ele estendeu a solidariedade às famílias dos brasileiros mortos no Haiti.

– As crianças perdem o amor de uma grande brasileira e a Igreja Católica perde um símbolo de fé e esperança – disse, lembrando que Zilda Arns fora indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2001.

Rosalba destaca ação da pediatra nas causas sociais

Rosalba Ciarlini (DEM-RN), presidente da Comissão de Assuntos Sociais (CAS), manifestou pesar pela morte de Zilda Arns no terremoto que atingiu Porto Príncipe, capital do Haiti.

– Médica como eu, ela lutou pelas causas sociais. Tive a oportunidade de conviver com ela ainda quando atuava como pediatra e quando comecei o combate à desnutrição infantil. Zilda Arns é um exemplo de solidariedade e fará falta ao país e ao mundo – afirmou.



Rosalba Ciarlini conviveu com Zilda Arns no combate à desnutrição infantil

Senadores lamentam morte de brasileiros

Vários senadores comentaram, por meio do Twitter, o terremoto que atingiu o Haiti. Tião Viana (PT-AC) lamentou a perda de vidas e disse que “milhares de pastores choram” a morte de Zilda Arns. Marconi Perillo (PSDB-GO) lembrou que ela foi premiada pelo Unicef e indicada ao Prêmio Nobel da Paz. Para Renato Casagrande (PSB-ES), “o Brasil perde uma grande militante das causas sociais”. Também se manifestaram sobre a morte de Zilda os senadores Delcídio Amaral (PT-MS), Garibaldi Alves (PMDB-RN), Osmar Dias (PDT-PR), Eduardo Azeredo (PSDB-MG), Kátia Abreu (DEM-TO), Alvaro Dias (PSDB-PR) e Aloizio Mercadante (PT-SP).

MESA DO SENADO FEDERAL

- Presidente: José Sarney
- 1º Vice-Presidente: Marconi Perillo
- 2º Vice-Presidente: Serys Slhessarenko
- 1º Secretário: Heráclito Fortes
- 2º Secretário: João Vicente Claudino
- 3º Secretário: Mão Santa
- 4º Secretário: Patrícia Saboya
- Suplentes de Secretário: César Borges, Adelmir Santana, Cícero Lucena e Gerson Camata

Diretor-Geral: Haroldo Feitosa Tajra
Secretária-Geral da Mesa: Claudia Lyra

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Diretor: Fernando Cesar Mesquita
Diretor de Jornalismo: Davi Emerich

AGÊNCIA SENADO

Diretor: Mikhail Lopes (61) 3303-3327
Chefia de Reportagem: Elina Rodrigues Pozzebom e Moisés Oliveira
Edição: Nelson Oliveira e Sílvia Gomide

O noticiário do *Jornal do Senado* é elaborado pela equipe de jornalistas da Secretaria Agência Senado e poderá ser reproduzido mediante citação da fonte.

JORNAL DO SENADO

Órgão de divulgação do Senado Federal

Diretor: Eduardo Leão (61) 3303-3333
Editores: Djalba Lima, Edson de Almeida, José do Carmo Andrade, Juliana Steck e Rafael Faria
Diagramação: Iracema F. da Silva
Revisão: André Falcão, Eny Junia Carvalho, Fernanda Vidigal, Lindolfo do Amaral Almeida, Miquéas D. de Moraes e Pedro Pincer
Tratamento de imagem: Edmilson Figueiredo e Roberto Suguino
Arte: Claudio Portella e Diego Jimenez
Circulação e atendimento ao leitor: Shirley Velloso (61) 3303-3333

Site: www.senado.gov.br/jornal - E-mail: jornal@senado.gov.br
Tel.: 0800 61 2211 - Fax: (61) 3303-3137
Praça dos Três Poderes, Ed. Anexo I do Senado Federal, 20º andar - Brasília - DF. CEP 70165-920



O Palácio Presidencial do Haiti, em Porto Príncipe, após desabamento em consequência do terremoto de 7 graus na escala Richter que atingiu o país na noite de terça-feira e derrubou vários prédios

Jornalistas do Senado relatam a miséria no Haiti

O drama provocado pelo terremoto no Haiti causou forte comoção no Senado, não só pelas dimensões da tragédia ou pela presença de

brasileiros naquele país – ao menos 12 deles morreram. Em 2004, 2008 e 2009, a Casa fez contato próximo com o quadro de miséria econômica e social do Haiti,

durante visitas de senadores ao país. Acompanhando a comitiva, jornalistas da Casa estiveram no Haiti em 2008 e 2009. Em artigos, a editora da Agência Sena-

do Silvia Gomide e a repórter do **Jornal do Senado** Thâmara Brasil relatam o que presenciaram e afirmam ter tirado lições sobre o desastre haitiano.

Haiti, um país que se define pelas ausências

Por SILVIA GOMIDE

Pela Agência Senado, acompanhei comitiva de senadores da Comissão de Relações Exteriores (CRE) em visita diplomática a nove países do Caribe – entre eles o Haiti, em setembro de 2008. Conhecer o país mais pobre das Américas é algo que muda a forma de vermos o mundo e os conceitos de pobreza e riqueza.

Chegamos munidos de algumas informações sobre aquele país – a desnutrição crônica afeta 51% da população e a expectativa de vida é de 52,4 anos –, mas nada me preparou para o que iria encontrar. O Haiti não possui nada do que, mesmo em um país emergente como o Brasil, consideramos básico para viver: água encanada, luz elétrica,

escolas, transporte público, gás para cozinhar.

Os rios são cobertos de lixo até as bordas e, na prática, deixaram de existir. Quando chove, a água se espalha, porque não tem por onde escoar. Os haitianos cozinham com lenha, o que gerou o desmatamento de 98% do território nacional. Com a falta de lenha, as pessoas retiram galhos das poucas árvores das ruas para cozinhar.

Na capital, Porto Príncipe, praticamente não há lojas e o comércio é feito basicamente por camelôs. A principal feira de alimentos da cidade é conhecida como Cozinha do Inferno e verduras e legumes que serão vendidas ficam no chão, sobre plásticos, em cima da lama.

Os desastres naturais parecem ser atraídos para o Haiti. Na época da visita, o norte do país acabara de ser assolado por três furacões e grupos de militares brasileiros se preparavam para se deslocar para a região a fim de ajudar a população local.

Visitei com os senadores vários pontos de Porto Príncipe. Não presenciamos cenas de violência, mas os militares contaram que, quando chegaram ao país, a situação era dramática. A guerra entre gangues era intensa e os corpos muitas vezes não eram nem sequer enterrados, ficavam expostos em decomposição pelas ruas.

Mesmo a capital sendo considerada pacificada, quando estivemos lá o deslocamento era feito sob escolta dos soldados brasileiros que representavam a Organização das Nações Unidas (ONU), os “capacetes azuis”. Um dos crimes mais comuns nas ruas da cidade na época eram sequestros-relâmpagos e o resgate pedido para as famílias girava em torno de US\$ 10.

Em Cité Soleil, favela mais pobre da capital e pacificada pelas tropas brasileiras, quando viam o comboio da ONU, as pessoas saíam às ruas com panelas nas mãos pedindo, em português, comida. O primeiro impulso era dar o que tínhamos conosco – no meu caso, uma barra de chocolate –, mas fomos orientados a não dar comida aos haitianos, porque não haveria suficiente para todos e só causaríamos mais problemas.

Com todas as tragédias que vi nessa viagem, um sentimento muito bom ficou: um grande orgulho pelo trabalho que os militares brasileiros estavam fazendo lá. Diante de uma miséria tão absoluta que não dá para saber nem por onde começar a solucionar os problemas – tantos e tão urgentes –, os brasileiros levaram paz, um pouco de ordem e auxílio prático, como a construção de pontes. Sai de lá com a sensação de que o Brasil é um país rico e que podemos fazer coisas muito boas se quisermos.

Haverá um fim para o sofrimento dos haitianos?

Por THÂMARA BRASIL

Em agosto de 2009 acompanhei os senadores Eduardo Azeredo (PSDB-MG), Flávio Torres (PDT-CE), Gerson Camata (PMDB-ES) e João Pedro (PT-AM) em visita ao Haiti. O que vimos foi um país já destruído: praticamente não há escolas e hospitais, e outros serviços públicos básicos, como a coleta de lixo, não funcionam. Porto Príncipe não tem água encanada, energia elétrica ou esgoto. Com estimados 3 milhões de habitantes, do total de 8 milhões no país, a cidade à noite permanece praticamente às escuras. Outras atividades básicas de Estado – como policiamento, registro civil e censo dos cidadãos, recolhimento de impostos e acesso à Justiça – ou são precárias ou não existem.

Os haitianos não têm emprego: não há indústrias, o comércio é quase todo informal, a agricultura é incipiente e, para piorar, não há petróleo, gás ou qualquer outra fonte de energia no subsolo. Ainda que seja dotado de belíssimas praias, à semelhança da vizinha República Dominicana, não há infraestrutura para aproveitar o potencial turístico. Quem praticamente sustenta o Haiti são os 2 milhões de cidadãos que conseguiram emigrar, principalmente para os Estados Unidos. Eles mandam dinheiro e arrecadam doações para as famílias, movimentando a economia. É possível comprar tênis, roupas e todo tipo de artigos doados a preço de banana nas feirinhas de Porto Príncipe, onde vendedores visivelmente famintos disputam cada dólar dos militares estrangeiros.

À pobreza, à fome e à falta de tudo juntam-se a insegurança, fruto da ausência do Estado e da atuação de todo tipo de criminosos e grupos armados, e os al-

tíssimos índices de corrupção. O contraste entre essa dura realidade da maioria dos haitianos e a da riquíssima e minúscula fatia da população que vive no alto dos morros foge a qualquer parâmetro razoável. Nos bairros ricos, há inclusive lojas de artigos de alto luxo, como a da francesa Christofle.

No entanto, o que mais impressiona no Haiti não é a situação atual, mas a falta de perspectivas de melhora no curto e até no médio prazo. Nada a ver com o trabalho do Exército Brasileiro, capaz de emocionar pela competência e pela ajuda que vai muito além da segurança armada.

A verdade é que as agências internacionais de desenvolvimento não foram envolvidas e nada ou quase nada está sendo feito para a reconstrução do país, para dotá-lo da infraestrutura necessária ao seu desenvolvimento. Apenas as ONGs e as forças militares, cujo trabalho seria tão-somente garantir a segurança e a estabilidade das instituições, executam obras, socorrem feridos e distribuem comida.

A despeito da miséria e dos quatro furacões que, em 2008, devastaram Porto Príncipe, o haitiano sorri o tempo todo. Brasil, futebol e o jogador Ronaldo são a unanimidade nacional. Não há rua em Porto Príncipe sem um bar com as cores ou a camisa da seleção canarinho.

Outro traço fundamental que une os haitianos é o orgulho de ser o primeiro país negro das Américas a conquistar a independência. Quem sabe agora, diante desse terremoto de consequências ainda não dimensionadas, mas certamente trágicas, o mundo acorde e decida ajudar, de fato, para que o Haiti possa se orgulhar de ser novamente um país, no sentido mais abrangente da palavra.

O Haiti não possui nada do que, mesmo em um país emergente, consideramos básico para viver

O que mais impressiona no Haiti é a falta de perspectivas de melhora no curto e até no médio prazo